

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 9 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2020

OS CINCO PONTOS DO ARMINIANISMO CLÁSSICO

THE FIVE POINTS OF CLASSICAL ARMINIANISM

Me. Carlos Kleber Maia¹

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar as principais doutrinas de Jacó Armínio sobre antropologia, hamartiologia e soteriologia, que foram resumidas nos cinco pontos da Remonstrância de 1610, contrapondo esta apresentação à que foi empreendida por Jeverson Nascimento, em seu artigo “As diferenças doutrinárias do calvinismo e do arminianismo”. Para se empreender uma análise do pensamento de qualquer expoente, torna-se necessário compreender as suas verdadeiras proposições, consideradas a partir de fontes primárias. A presente pesquisa irá explanar os pontos do arminianismo seguindo o acróstico FACTS, que são: Libertos pela Graça, Expição para Todos, Eleição Condicional, Depravação Total e Segurança em Cristo, tendo como principal referencial teórico “As Obras de Armínio”. Constatou-se que o arminianismo verdadeiramente considerado destaca

¹ Mestre em Teologia (FABAPAR) com ênfase em Estudo e Ensino da Bíblia e Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada (FTBP), pastor da Igreja Assembleia de Deus. E-mail: ckmaia@hotmail.com.

a graça divina livre para todos, sustenta uma antropologia pessimista, contrastada por uma soteriologia otimista, com equilíbrio entre a expiação ilimitada e a eleição condicionada à fé que foi possibilitada pela necessária graça divina.

Palavras-chave: Arminianismo. Soteriologia. Graça divina.

ABSTRACT

The present article has the objective of presenting the main doctrines of Jacó Armínio on anthropology, hamartiology and soteriology, which were summarized in the five points of the Remonstrance of 1610, contrasting this presentation with that undertaken by Jeverson Nascimento, in his article “The doctrinal differences of the Calvinism and Arminianism”. In order to undertake an analysis of the thought of any exponent, it is necessary to understand its true propositions, considered from primary sources. This research will explain the points of Arminianism following the FACTS acrostic, which are: Freed by Grace, Atonement for All, Conditional Election, Total Depravity and Security in Christ, having as main theoretical reference “The Works of Armínio”. It was found that Arminianism truly considered highlights the free divine grace for all, supports a pessimistic anthropology, contrasted by an optimistic soteriology, with a balance between unlimited atonement and the election conditioned by faith that was made possible by the necessary divine grace.

Keywords: Arminianism. Soteriology. Divine grace.

INTRODUÇÃO

O debate teológico foi considerado por diversos teólogos e escritores, arminianos e calvinistas, como um importante meio de defesa e salvaguarda da verdade, dentro da tradição cristã.² Os reformadores e os herdeiros da tradição reformada empreenderam muitos debates teológicos, com o objetivo de esclarecer a sua visão acerca de doutrinas e interpretações teológicas.

Uma das áreas do estudo teológico que mais suscitou discussão foi a soteriologia, particularmente, “a questão da justiça de Deus e de como os seres

² Nota pública sobre debates teológicos entre calvinistas e arminianos, disponível em <https://teologiabrasileira.com.br/nota-publica-sobre-debates-teologicos-entre-calvinistas-e-arminianos/>, acessado em 20/05/2020.

humanos partilham ou se beneficiam dela visando a salvação”.³ O debate entre arminianos e calvinistas, no que diz respeito à salvação da humanidade, tem sido frequente, no Brasil, em programas de TV, nas redes sociais e em diversas publicações, onde cada lado sustenta sua visão e aponta as discordâncias quanto ao ponto de vista do outro.

Jacó Armínio (1560-1609), um ministro da Igreja Reformada da Holanda, realizou um debate, por meio de cartas, com Francis Junius (que defendia a opinião de Calvino), a respeito da predestinação.⁴ Armínio, que se refere a Junius como “um irmão em Cristo” e o considera digno da mais profunda consideração, expressa seu desejo de que tenha compreendido corretamente as proposições apresentadas pelo expoente calvinista, e afirma que “O significado equivocado sempre é a mãe do erro, e isso deve ser cuidadosamente evitado, em todos os debates sérios”.⁵ Não há debate sério se não houver compreensão verdadeira das proposições debatidas.

Esta é uma questão crucial, e Picirilli lembra as palavras do teólogo reformado batista Roger Nicole, afirmando que, em qualquer debate, “deveríamos ter sempre certeza de podermos expor a posição de um oponente de tal maneira que ele concordasse que a tivéssemos expressado corretamente”.⁶ Não adianta argumentar contra um ponto de vista que foi equivocadamente entendido ou distorcido.

O teólogo Jeverson Nascimento, em seu artigo “As diferenças doutrinárias do calvinismo e do arminianismo”, apresenta as diferenças doutrinárias existentes entre o Calvinismo e o Arminianismo, “conceituando-as, abordando as principais doutrinas que embasam essas linhas teológicas, suas divergências, seus principais seguidores e reflexões sobre as mesmas”.⁷

No entanto, como este artigo se propõe a esclarecer, faltou a Nascimento um maior cuidado em conhecer as proposições arminianas a partir das obras de Armínio, que foram resumidas pelos remonstrantes, em seu documento de 1610 e nos escritos apresentados ao Sínodo de Dort; o único livro escrito por um teólogo arminiano citado no referido artigo é uma obra de Roger Olson,

³ OLSON, 2001, p. 383.

⁴ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 9-271.

⁵ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 41.

⁶ PICIRILLI, 2017, p. 9.

⁷ NASCIMENTO, 2019, p. 347, disponível em <http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/321>, acessado em 21/05/2020.

e apesar de Nascimento fazer referência ao livro em sua publicação na língua portuguesa, ele apontou o ano da publicação como 1992 (a versão original em inglês foi publicada em 2006, traduzido para a língua portuguesa em 2013), e deve, provavelmente, ter compilado as citações dos autores calvinistas que deram o embasamento ao seu artigo. Talvez esta seja a razão pela qual as suas citações não conferem com as referidas páginas apontadas por ele.

A apresentação que Nascimento faz dos principais pontos do arminianismo é superficial e generalista, não delimitando os autores que formularam tais pontos, seja Armínio, os remonstrantes, John Wesley ou teólogos arminianos contemporâneos. Tal delimitação é necessária, posto que todos teólogos apontados como sendo “arminianos” não seguem estritamente o pensamento de Armínio.

Sua apresentação dos referidos pontos é, também, confusa, pois ele inicia afirmando que as principais doutrinas arminianas são: “Livre-Arbitrio, Predestinação Condicional, Expição Universal, A Graça pode ser impedida e Decair da Graça”.⁸ Mas, em seguida, ele diz que o arminianismo pode ser representado pelo acrônimo FACTS, com os seguintes pontos: Livres pela Graça, Expição para Todos, Eleição Condicional, Depravação Total e Segurança em Cristo.⁹ Adiante, ele chama o terceiro ponto de Eleição Prevista.¹⁰ No final, aponta estes pontos como sendo: Depravação Total, Expição para Todos, Livres pela Graça (para crer), Eleição Condicional e Segurança em Cristo.¹¹ Nascimento não aponta a origem do acróstico FACTS e varia com frequências as taxonomias axiomáticas. As alterações de ordem e de nomenclatura geram uma maior dificuldade para se perceber quais são, de fato, as proposições arminianas explanadas por ele.

Nascimento assevera que Armínio era calvinista e que, em seus estudos, “surpreendentemente, chegou à conclusão de que o calvinismo estava errado e passou a defender a posição que vinha atacando”. Contudo, Bangs aponta, em sua obra “Um estudo da Reforma Holandesa”, que foi fruto de seu doutoramento, que essa ideia da mudança de perspectiva de Armínio tem sido abandonada.¹² Olson afirma que, em suas pregações baseadas na Epístola

⁸ NASCIMENTO, 2019, p. 347-348, 349.

⁹ NASCIMENTO, 2019, p. 357.

¹⁰ NASCIMENTO, 2019, p. 361.

¹¹ NASCIMENTO, 2019, p. 366.

¹² BANGS, 2015, p. 160.

aos Romanos, enquanto foi pastor em Amsterdã, Armínio já negava a eleição incondicional e a graça irresistível.¹³

Armínio era um teólogo reformado, mas não era calvinista (Conforme afirma Olson, reformado não é sinônimo de calvinista).¹⁴ Ele permaneceu dentro da Igreja reformada da Holanda toda a sua vida, mas sua teologia “segue uma trajetória diferente da teologia de seus oponentes reformados”.¹⁵ Alan Sell, teólogo e ministro da Igreja Reformada Unida, considera que o “arminianismo surgiu como uma genuína opção dentro da Igreja Reformada na Holanda, e não como um parasita nela”.¹⁶

Iremos examinar os cinco pontos do arminianismo clássico (que vê em Armínio e nos remonstrantes seus principais representantes), em diálogo com alguns pesquisadores do tema, seguindo o acrônimo FACTS, que foi proposto por Brian Albaciano¹⁷, com os seguintes pontos: Libertos pela Graça, Expição para Todos, Eleição Condicional, Depravação Total e Segurança em Cristo. Como iremos observar, o verdadeiro entendimento de Jacó Armínio sobre estes pontos difere bastante do que foi apresentado no artigo de Jeverson Nascimento.

1. LIBERTOS PELA GRAÇA

Armínio descreve a graça divina como “uma afeição gratuita pela qual Deus, tocado pelo amor, vai em direção a um pecador miserável e, em primeiro lugar, dá o seu filho”¹⁸, para que todo aquele que nele crer tenha a vida eterna. Ele também a define como a disposição de “transmitir o seu próprio bem, e a amar as criaturas, não por mérito ou dívida, nem que isso possa acrescentar qualquer coisa ao próprio Deus, mas para que possa ir bem àquele a quem o bem é concedido, e que é amado”.¹⁹ Então, para Armínio, a graça é um favor imerecido, livremente dado à humanidade por Deus, que visa a salvação dos crentes em Jesus.

¹³ OLSON, 2001, p. 473.

¹⁴ OLSON, 2013b, p. 61. Olson afirma que o calvinismo é parte da história da tradição reformada, mas a tradição reformada não se resume apenas ao calvinismo.

¹⁵ STANGLIN; McCALL, 2016, p. 37.

¹⁶ PICIRILLI, 2017, p. 8.

¹⁷ Disponível em <http://evangelicalarminians.org/the-facts-of-salvation-a-summary-of-arminian-theology-the-biblical-douctrines-of-grace/>, acessado em 25/05/2020.

¹⁸ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 231.

¹⁹ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 415.

O teólogo holandês também conceitua a graça como “a assistência permanente e a ajuda contínua do Espírito Santo”²⁰, que inclina o ser humano a fazer o que é bom e a cumprir a vontade de Deus. A graça continuada é a assistência do Espírito de Deus.

Armínio usa uma variedade de modificadores para representar as distinções e funções da graça, classificando-as em duas categorias principais: a primeira graça é chamada de preveniente ou precedente; a segunda, subsequente, cooperante ou ingressante.²¹ Estas distinções apresentam os diferentes “modos peculiares da manifestação divina desse favor imerecido”.²²

A graça de Deus possui estas operações distintas, mas sempre visa a salvação de todo ser humano: “A graça é uma só em essência, mas varia em seu modo; uma no princípio e no fim, mas variada em seu progresso”.²³ Esta doutrina era comum na teologia cristã, sendo defendida por teólogos como Agostinho de Hipona (que foi o primeiro a utilizar o termo “graça preveniente”) e Tomás de Aquino e aprovada pelo Concílio de Orange, realizado em 529 d.C.²⁴

A graça preveniente é “o meio pelo qual Deus, antes de qualquer ação humana, atrai graciosamente o pecador e o capacita espiritualmente para que se arrependa e se converta a Cristo”.²⁵ É a primeira operação de Deus para salvação do indivíduo; é “a graça preparatória do Espírito Santo exercida em direção ao homem desamparado no pecado”²⁶, que precede qualquer decisão humana, e opera unicamente da parte de Deus, “de maneira monergística”²⁷, pois o pecador “é livre para resistir a essa graça, mas não para inicia-la”.²⁸

A graça preveniente irresistivelmente convence o pecador do pecado. A irresistibilidade não diz respeito à necessidade de atender ao chamado divino, mas à capacidade de ouvi-lo. Esta iniciativa graciosa de Deus habilita o ser humano a crer em Cristo. Ela é a única causa de todo bem espiritual e é preparatória para outras manifestações da mesma graça. Segundo o entendimento de Armínio, “Esta graça vai antes, acompanha e segue; instiga,

²⁰ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 231.

²¹ STANGLIN; MCCALL, 2016, p. 197.

²² COUTO, 2016, p. 168.

²³ ARMÍNIO, 2015, v.3, p. 142.

²⁴ STANGLIN; MCCALL, 2016, p. 198,199.

²⁵ NASCIMENTO, 2016, p. 32.

²⁶ COUTO, 2016, p. 170.

²⁷ STANGLIN; MCCALL, 2016, p. 197.

²⁸ COUTO, 2016, p. 171.

auxilia, opera o que queremos, e coopera, para que não queiramos em vão”.²⁹

Esta graça é uma obra do Espírito Santo que vence a incapacidade do ser humano caído de crer em Cristo ou desejar qualquer bem espiritual; sem a sua ação, nenhum indivíduo pode decidir crer em Cristo. A graça, no pensamento arminiano, não é uma força, mas a ação de uma pessoa, o Espírito Santo.³⁰ A “graça preveniente é aquela que o Espírito Santo providencia enquanto prepara uma pessoa para experimentar o nascimento espiritual”.³¹

Quando o pecador ouve a pregação do evangelho e o Espírito Santo age em seu coração, a fé é possibilitada a ele. Armínio assim descreve o processo pelo qual a fé é gerada nas pessoas: “A fé evangélica é uma concordância da mente, produzida pelo Espírito Santo, por intermédio do Evangelho nos pecadores”. O teólogo holandês acrescenta que “Eles [...] são totalmente persuadidos em si mesmos de que Jesus Cristo foi constituído por Deus como o autor da salvação para os que obedecem a Ele, e Ele será o seu próprio salvador, caso creiam nele”.³²

A ação do Espírito Santo, por esta graça preveniente possibilita ao ser humano crer em Jesus, por meio da pregação do Evangelho de Cristo, conforme afirma Armínio: “O autor da fé é o Espírito Santo [...] o instrumento é o Evangelho, ou a palavra de fé, que contém o significado a respeito de Deus e de Cristo que o precioso Espírito propõe ao entendimento, e do qual Ele persuade aqui”.³³

Fica evidente que Armínio entende que o ser humano natural não pode arrepender-se ou crer no evangelho, sem a operação da graça divina, quando diz: “O ato de fé não está no poder de um homem natural, carnal, sensitivo e pecador e [...] ninguém consegue realizar esse ato exceto pela graça de Deus”.³⁴ Armínio baseia-se nas Escrituras para afirmar:

Digo, então, que é muito claro, com base nas Escrituras, que o arrependimento e a fé não podem ser exercidos, exceto pelo dom de Deus. Mas as mesmas Escrituras e a natureza dos dois dons ensinam, de maneira muito clara, que esta concessão se dá pelo modo de persuasão. Isto

²⁹ ARMÍNIO, 2015, v. 2, p. 406.

³⁰ BANGS, 2015, p. 405.

³¹ DUEWEL, 1999, p. 108.

³² ARMÍNIO, 2015, v. 2, p. 100.

³³ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 320.

³⁴ ARMÍNIO, 2015, v. 2, p. 94.

acontece pela palavra de Deus.³⁵

Na visão do teólogo holandês, a capacidade de crer vem de Deus, o conteúdo da fé vem de Deus, a persuasão para crer vem de Deus; o crer, contudo, na teologia arminiana, é visto como um ato do ser humano, capacitado pela graça divina. Deus pode requerer fé do indivíduo decaído porque Ele “decidiu conceder aos homens graça suficiente, pela qual os homens podem crer”.³⁶ Os crentes fazem uso da graça; os incrédulos a rejeitam.

Estabelecendo, em sua teologia, a necessidade primordial da graça divina para que as pessoas possam crer, Armínio é inocentado da acusação de sustentar o pelagianismo, colocando a iniciativa para a salvação exclusivamente em Deus. Portanto, o arminianismo não sustenta que a salvação do ser humano “depende da obra de sua fé”, como afirma Nascimento.³⁷

A salvação é efetivada unicamente pela fé em Cristo. Os seres humanos são salvos porque creem, e são condenados por sua incredulidade. Alguns ouvem a pregação do Evangelho e creem; outros, mesmo tendo ouvido, não creem. A fé não surge da decisão do que crê, mas da Palavra de Deus, no coração. Esta fé é um dom divino quanto à graça pela qual é produzida. Sem a graça ou poder para crer ninguém jamais creu ou pode crer.

A fé, porém, não é causa meritória da salvação, mas é causa instrumental. A fé é impossível sem a graça; a salvação pela graça é impossível sem a fé: “A fé é uma condição exigida por Deus daquele que será salvo, antes que seja o meio de obter a salvação”.³⁸

Em adição a essa graça preveniente, há uma segunda operação da graça, que se segue ao recebimento da primeira, que é subsequente e cooperante, “abrindo a porta para que a graça possa entrar”, segundo afirmam Stanglin e McCall, que ainda declaram que “o contato inicial da graça preveniente é completamente divino, mas a graça subsequente ocasiona um relacionamento cooperativo”.³⁹

Picirilli assevera que a graça preveniente (preventiva ou pré-regeneradora) está tão intimamente ligada à regeneração que conduz inevitavelmente a ela,

³⁵ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 320.

³⁶ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 348.

³⁷ NASCIMENTO, 2019, p. 360.

³⁸ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 264.

³⁹ STANGLIN; MCCALL, 2016, p. 197.

“a não ser que seja finalmente resistida”.⁴⁰ Se o indivíduo não resiste à graça preveniente, e abre a porta do coração, receberá os benefícios da salvação, pela ação continuada do Espírito Santo, por meio da graça subsequente.

Gunter afirma que sem a graça, nada salvífico é possível à humanidade, pois, para Armínio, “a graça iniciada é a graça continuada. A graça preveniente despertadora se torna graça salvadora capacitadora, que é uma contínua graça santificadora”.⁴¹ Mesmo depois de salvo, a graça continua agindo para que o ser humano continue firme na fé, diz Armínio:

Eu atribuo à graça o início, a continuidade e a consumação de todo o bem. Eu vou até o ponto de asseverar que a criatura, embora regenerada, não pode nem conceber, querer, nem fazer bem algum, nem resistir a qualquer tentação do mal, em separado desta graça preveniente e despertadora, contínua e cooperadora.⁴²

O ser humano é regenerado quando crê em Jesus, pela ação da graça subsequente. Armínio acredita que a pessoa primeiro crê, e, então, é regenerado: “A fé viva e verdadeira em Cristo precede a regeneração”.⁴³ Se a pessoa é regenerada para crer, então a regeneração seria *para* a fé, e não *pela* fé.

Nascimento atesta que a teologia calvinista apresenta a seguinte ordem: primeiro vem a regeneração, “depois, a fé salvadora, por parte do homem”.⁴⁴ Contudo, John Owen e os teólogos ingleses que foram enviados como delegados para o sínodo de Dort não concordavam com a ideia de a regeneração preceder a fé, sustentando a existência de obras precedentes de Deus, antes da regeneração, incluindo a fé.⁴⁵

A operação da graça salvadora, no entendimento arminiano, é resistível, pois Armínio declara que “a Escritura ensina que muitas pessoas resistem ao Espírito Santo e rejeitam a graça oferecida”.⁴⁶ Esta graça pode ser resistida, quando o pecador rejeita a oferta de salvação que a acompanha. Qualquer pessoa pode, mesmo recebendo a graça, não fazer uso dela, devido à liberdade de escolha que ela mesma lhe trouxe. Os remonstrantes, igualmente,

⁴⁰ PICIRILLI; 2017, p. 188.

⁴¹ GUNTER; 2017, p. 245.

⁴² GUNTER, 2017, p. 193.

⁴³ ARMÍNIO; 2015, v. 2, p. 203.

⁴⁴ NASCIMENTO, 2019, p. 365.

⁴⁵ DANIEL, 2017, p. 354.

⁴⁶ GUNTER, 2017, p. 194.

afirmaram que a graça não é irresistível.⁴⁷

Nascimento afirma que Armínio acreditava que “desde que o homem goza de vontade livre absoluta, ele pode resistir à vontade de Deus em relação a sua própria vida”.⁴⁸ Porém, o teólogo holandês não ensinava esta “vontade livre absoluta”, pois o indivíduo só pode resistir à graça divina quando tem a sua vontade liberta por esta mesma graça.

A razão que leva o arminianismo a sustentar a resistibilidade da graça divina não é o poder da livre vontade humana⁴⁹, mas as afirmações encontradas nas Escrituras, a este respeito (At 7.51; Ne 9.30; Is 63.10; Ef 4.30). A graça divina capacita a vontade humana a crer, ao libertar o arbítrio que estava escravizado ao pecado. Armínio declara acerca da ação da graça sobre o livre-arbítrio humano:

Assim como a graça preserva, também o livre-arbítrio é preservado, e o livre-arbítrio do homem é o sujeito da graça. Logo, é necessário que o livre-arbítrio colabore com graça, que é concedida para a sua preservação, mas auxiliada por uma graça subsequente, e sempre permanece no poder do livre-arbítrio rejeitar a graça concedida, e recusar a graça subsequente; porque a graça não é a ação onipotente de Deus, à qual o livre-arbítrio do homem não consegue resistir.⁵⁰

Olson afirma que a graça divina não verga a vontade humana, ou torna certa a sua resposta, mas apenas “capacita a vontade a fazer a escolha livre, quer seja para cooperar, quer seja para resistir à graça”.⁵¹ Esta cooperação da vontade não contribui para a salvação, “como se Deus fizesse uma parte e os humanos a outra”.

A cooperação da vontade humana com a graça na teologia arminiana é simplesmente a não resistência à própria graça. Ele acrescenta: “Todavia, Deus não toma esta decisão pelo indivíduo; é uma decisão que os indivíduos, sob o impulso da graça preveniente, devem tomar por si mesmos”.⁵²

A graça opera no ser humano que é um agente livre e responsável, mas que

⁴⁷ GONZALEZ, 2004, v. 3, p. 288.

⁴⁸ NASCIMENTO, 2019, p. 356.

⁴⁹ NASCIMENTO, 2019, p. 365.

⁵⁰ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 473.

⁵¹ OLSON, 2013, p. 46, 47.

⁵² OLSON, 2013, p. 46, 47.

está escravizado no pecado.⁵³ Ela liberta a vontade humana que estava cativa ao pecado, segundo afirma o teólogo holandês: “O autor da graça decidiu não obrigar os homens, pela sua graça, a consentir, mas influenciá-los, por uma mansa e gentil persuasão, influência que não apenas não remove o livre consentimento do livre-arbítrio, mas até mesmo o estabelece”.⁵⁴

Segundo assevera Armínio, a graça divina corrige os efeitos da Queda sobre a volição do ser humano: “Porque a graça é branda e se mescla com a natureza do homem, para não destruir dentro dele a liberdade da sua vontade, mas para lhe dar uma direção correta, para corrigir sua depravação, e para permitir que o homem possua as suas próprias noções adequadas”.⁵⁵

O poder pelo qual o ser humano coopera com a graça é a própria graça. Daniel afirma que a vontade humana “só pode escolher livremente porque a vontade divina agiu previamente para possibilitar isso”.⁵⁶ Rodrigues conclui que, “na soteriologia sinérgica arminiana, a vontade humana apenas resiste, ou não, à graça que oferta uma salvação pronta e acabada, onde nada pode ser acrescentado ou retirado dela”.⁵⁷

Nascimento afirma que o arminianismo sustenta uma “ênfase no livre arbítrio” e nega “as principais doutrinas soteriológicas, como por exemplo, a justificação pela graça mediante a fé”. No entanto, Jacó Armínio pode ser considerado “um teólogo da graça”, pois enfatiza a necessidade da operação da graça divina, uma ação do Espírito Santo, no coração da pessoa, para que o pecador possa dar crédito ao Evangelho e render a Jesus como seu Salvador; e, igualmente, apresenta a necessidade da fé em Cristo para a salvação.

A graça preveniente, ofertada à toda a humanidade, é a única causa de todo bem espiritual e é preparatória para outras manifestações da mesma graça. Quando a vontade é libertada pela graça e o indivíduo não resiste à ação graciosa do Espírito, mais graça recebe, para continuar crendo e buscando viver para agradar a Deus.

A doutrina da graça no pensamento arminiano está em concordância com a tradição cristã antes dele, mas diverge da posição calvinista, que limita o propósito salvífico de Deus apenas aos eleitos, a quem será dada uma graça

⁵³ WILEY, 2013, p. 328,329.

⁵⁴ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 454.

⁵⁵ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 209.

⁵⁶ DANIEL, 2017, p. 371.

⁵⁷ RODRIGUES, 2016, p. 68.

eficaz e irresistível. Armínio considera que isto contraria as Escrituras e denigre o caráter amoroso divino, ao torna-lo responsável pela condenação dos incrédulos.

Para Armínio, a própria natureza da graça, generosa e imerecida, mas resistível, requer a liberdade de rejeitá-la, para que a liberdade humana mal utilizada seja a culpada primária pelo pecado, e o caráter plenamente amoroso e justo de Deus seja defendido, visto que é uma blasfêmia acusar Deus de ser o autor do mal.

2. EXPIAÇÃO PARA TODOS

Uma vez que a graça divina alcança a todos os seres humanos, capacitando-os a crer em Jesus, a teologia arminiana ensina que Deus enviou Seu Filho para morrer por toda a humanidade. O arminianismo não prega que Deus quer salvar todos os seres humanos incondicionalmente (isto seria universalismo), mas que a intenção de Deus com a morte de Cristo é prover salvação a toda a humanidade e salvar todo aquele que, não resistindo à graça, creia em Jesus.

Nascimento diz que “Armínio ensinava que a vontade de Deus é que ‘todos’ os homens sejam salvos, porque Cristo morreu por todos os homens”⁵⁸, e que ele se baseava principalmente no texto de Jo 3.16. Contudo, Armínio afirma que “[...] As Escrituras dizem, de maneira extremamente clara e em muitas passagens, que Cristo morreu por todos, pela vida no mundo, e isso pela ordem e pela graça de Deus Pai”.⁵⁹ A Bíblia apresenta diversas passagens onde o alcance da expiação é universal (Is 53.6; Jo 1.9; 8.12; 12.32; At 2.21; 17.30; Rm 5.6, 15, 18; 2 Co 5.14, 15; 1 Tm 2.3-6; 4.10; Tt 2.11; Hb 2.9; 2 Pe 3.9).

As Escrituras apresentam diversos outros textos onde Cristo é retratado como o Salvador do mundo (Jo 1.29; 3.14-18; 4.42; 12.47; 2Co 5.19; 1Jo 2.2; 4.14). Nascimento diz que a doutrina calvinista afirma que, no texto de Jo 3.16, a palavra “mundo” refere-se apenas aos eleitos.⁶⁰ Um estudo desta palavra – particularmente nos escritos do apóstolo João, onde é usado 78 vezes – indica que mundo é o mundo que odeia Deus, que rejeita Cristo, e que é dominado por Satanás; todavia este é o mundo pelo qual Cristo morreu.

Os arminianos interpretam o termo “mundo” em Jo 3.16 como referindo-

⁵⁸ NASCIMENTO, 2019, p. 356.

⁵⁹ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 330.

⁶⁰ NASCIMENTO, 2019, p. 367.

se à totalidade da raça humana, e não apenas aos eleitos. O teólogo calvinista D. A. Carson afirma que, neste texto, a palavra “mundo” refere-se a toda a raça caída, seres humanos em rebelião contra Deus.⁶¹ Armínio mostra que as Escrituras nunca usam a palavra “mundo” para referir-se apenas aos eleitos, citando diversos textos bíblicos como prova (Jo 1.29; 3.16; 6.51; 2 Co 5.19; 1 Jo 2.2; Jo 4.42; 1 Jo 4.14; Hb 2.9; 1 Tm 4.10; 2.5; Rm 5.6-8), pelo que conclui que:

O fato de que, pela palavra ‘mundo’, nestas passagens, deve-se entender todos os homens de maneira geral, é manifesto por essas passagens e pelos usos das Escrituras. Pois não existe, em minha opinião, nenhuma passagem, em toda a Bíblia, em que possa ser provado, sem nenhuma controvérsia, que a palavra “mundo” significa “os eleitos”.⁶²

Armínio, além do testemunho bíblico abundante, apresenta outra razão para considerar a expiação ilimitada: “[...] se [a redenção] não foi obtida para todos, a fé em Cristo é, sem nenhum direito, exigida de todos e, se não foi obtida para todos, ninguém pode, com justiça, ser culpado por rejeitar a oferta de redenção, pois rejeita aquilo que não lhe pertence, e o faz com propriedade. Se Cristo não morreu por todos, então não pode ser juiz de todos”.⁶³ Deus só pode condenar aquele que não creu se a salvação for oferecida a todos.

Os remonstrantes, no segundo ponto do seu documento, afirmaram que Jesus morreu por todos os homens e por cada um deles, de tal forma que obteve para eles uma completa redenção, mas atestando, em seguida, que “ninguém efetivamente usufrui este perdão exceto os crentes”.⁶⁴

O teólogo holandês, igualmente, assevera que: “O resgate ou o preço da morte de Cristo é considerado universal em sua suficiência, mas particular, em sua eficácia”.⁶⁵ A expiação alcança a todos e salva a todo o que crê. Wiley afirma:

A expiação é universal. Isto não significa que toda a humanidade será incondicionalmente salva, mas que a oferta sacrificial de Cristo satisfaz a tal ponto a lei divina que tornou a salvação uma possibilidade para todos. A redenção é universal, ou geral, em um sentido

⁶¹ CARSON, 2007, p. 123.

⁶² ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 330.

⁶³ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 428.

⁶⁴ GONZALEZ, 2004, v. 3, p. 287.

⁶⁵ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 329, 330.

provisional, porém, especial ou condicional em sua aplicação ao indivíduo”.⁶⁶

Armínio faz, pois, distinção entre a obtenção e a aplicação da redenção, quando diz: “É preciso fazer uma distinção entre redenção obtida e a redenção aplicada, e declaro que ela foi obtida para o mundo inteiro, e para todos e cada um dos homens; mas ela foi aplicada apenas aos fiéis e aos eleitos”.⁶⁷

Armínio afirma que a salvação, portanto, é oferecida a todos os seres humanos, pois o evangelho deve ser pregado a todos: “A promessa e a oferta se estendem a todos os que são chamados – chamados pela pregação externa do evangelho, quer obedeçam ao seu chamado ou não. Pois até mesmo os que ‘não viriam’ para as bodas receberam o convite, e, por isso, Deus os julgou indignos (Mt 22.2-8), uma vez que ‘rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos’ (Lc 7.30), e pela rejeição da promessa se tornaram indignos (At 13.46)”.⁶⁸

A expiação realizada por Cristo somente se mostra efetiva para a salvação dos indivíduos quando o Espírito Santo a administra, e o Espírito Santo, como agente de Cristo, torna conhecido seu propósito para a salvação do mundo através da proclamação que se conhece como vocação ou chamado.⁶⁹

O chamado divino para a salvação é um ato da graça divina, pelo qual Deus convida os pecadores a aceitarem pela fé a redenção providenciada por Cristo, conforme verifica-se na declaração de Armínio:

É o ato misericordioso de Deus, pelo qual, pela Palavra e pelo Seu Espírito, Ele convoca os homens pecadores, sujeitos à condenação e colocados sob a dominação do pecado, para que deixem a condição da vida natural e as profanações e corrupções deste mundo, a fim de que obtenham uma vida sobrenatural em Cristo, pelo arrependimento e fé, para que possam estar unidos a Ele, como sua cabeça, designada e ordenada por Deus, e possam desfrutar da participação de seus benefícios, para a glória de Deus e a sua própria salvação.⁷⁰

A causa do chamado é a graça divina (Seu amor, Sua bondade, Sua misericórdia), e não os méritos humanos. “Deus não destina estes meios a

⁶⁶ WILEY, 2013, p. 274.

⁶⁷ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 428.

⁶⁸ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 312.

⁶⁹ WILEY, 2013, p. 313.

⁷⁰ ARMÍNIO, 2015, v. 2, p. 95,96

ninguém por causa de seus próprios méritos, [...] mas apenas pela mera graça. E Ele não os nega a ninguém, a não ser, com razão, devido a transgressões anteriores”.⁷¹

A vocação de Deus para a salvação é, em parte, externa, pela pregação do evangelho, e em parte, interna, pela ação do Espírito Santo (graça preveniente): “A vocação interna se dá pela operação do Espírito Santo, esclarecendo e influenciando o coração, de modo que a pessoa preste atenção às coisas que são ditas, e a palavra possa ser crida”.⁷² Todos os indivíduos são chamados à salvação, independente da resposta, pois “a vocação interna é concedida até mesmo àqueles que não obedecem ao chamado”.⁷³

Embora Deus deseje que todos creiam e sejam salvos pelo sangue de Cristo, muitos perecerão, não por falta de disponibilidade de salvação, mas porque rejeitam a sua oferta feita para eles na morte de Cristo e por “não crer no nome do único Filho de Deus” (Jo 3.18). Os arminianos creem que os benefícios da morte expiatória de Cristo são aplicados ao eleito no momento em que os pecadores creem em Cristo, conforme o ensino das Escrituras. Se a expiação não requeresse aplicação, os eleitos nasceriam salvos. Porém, a Palavra afirma que todos nascem pecadores.

Os indivíduos são salvos a partir de quando creem (expiação aplicada), e não a partir de quando Jesus morreu (expiação provisionada). Como afirma Couto, até mesmo um “eleito incondicional” gozará os benefícios da graça justificadora somente a partir do momento que for regenerado pelo Espírito Santo.⁷⁴

Nascimento afirma que, segundo o arminianismo, Cristo morreu para salvar somente àqueles que exercem sua vontade livre e aceitam o oferecimento de vida eterna.⁷⁵ Porém, a verdadeira proposição do arminianismo é que o ser humano não exerce sua “livre vontade” para crer, mas somente o faz quando é capacitado e liberto pela graça divina.

Pelo fato de Cristo ter morrido por todos, mas nem todos serem salvos, Nascimento conclui que “a morte de Cristo foi um fracasso parcial, uma vez que os que têm volição negativa, isto é, os que não a querem aceitar, irão para

⁷¹ ARMÍNIO, 2015, v. 2, p. 95.

⁷² ARMÍNIO, 2015, v. 2, p. 97.

⁷³ ARMÍNIO, 2015, v. 2, p. 429.

⁷⁴ COUTO, 2016, p. 161.

⁷⁵ NASCIMENTO, 2019, p. 364.

o inferno.⁷⁶

Os arminianos creem num Deus totalmente sábio e onisciente, que preparou um plano de salvação que não seria frustrado. Desde a proclamação dos profetas (Is 53.10,11) até o cântico dos seres celestiais (Ap 5.9,10; 7.9), a Bíblia garante que o plano de Deus trará o resultado esperado.

A base objetiva da certeza da salvação, no pensamento arminiano, é o amor de Deus que se estende a todos os seres humanos⁷⁷. Armínio fala sobre o duplo amor de Deus: 1) Deus ama a si mesmo e à sua justiça; 2) Deus ama as suas criaturas e a bem-aventurança delas.⁷⁸ O teólogo holandês, a partir das Escrituras (Hb 11.6) entende que nenhum indivíduo buscará a Deus sem encontrar, da parte do Criador, uma resposta positiva e uma recompensa.⁷⁹

A maior demonstração do amor divino foi o fato de Ele ter enviado Cristo para morrer pela humanidade (Rm 5.8; 1 Jo 4.10). Deus ama a todos, por isso enviou Seu Filho para morrer por todos. Os arminianos creem que a morte de Cristo é a afirmação do amor universal de Deus que garante a provisão necessária para todos e é a certeza de salvação para todo o que, sendo alcançado pela graça preveniente que se estende a todos, crê em Jesus como seu Salvador pessoal.

A salvação baseia-se na verdade do evangelho, que Cristo morreu pelos pecados do mundo e sobre a promessa de quem crer nele recebe o dom gratuito e incondicional da vida eterna.⁸⁰ Os indivíduos são salvos pela fé em Jesus, que mandou anunciar o evangelho a todos, e garantiu que todos os que cressem seriam salvos (Mc 16.15,16; Jo 3.16; Rm 10.9; 1.16,17). Às perguntas: “Deus quer me salvar?” e “Existe salvação possível para mim?”, o arminianismo responde a todos: “Sim”.

3. ELEIÇÃO CONDICIONAL

Armínio fundamenta sua doutrina da eleição na pessoa e na obra de Cristo, e seu entendimento acerca desta obra é fundamentado no amor de Deus, como sendo duplo: amor a Si mesmo (à Sua justiça e retidão) e o amor às suas criaturas. Dizer que Deus elege alguém para salvação sem levar em conta sua

⁷⁶ NASCIMENTO, 2019, p. 364.

⁷⁷ STANGLIN, 2016, p. 50.

⁷⁸ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 214, 215.

⁷⁹ GUNTER, 2017, p. 171.

⁸⁰ HUNT, 2015, p. 681.

fé implica, para ele, em dizer que Deus ama estas pessoas mais do que ama sua própria justiça.

Para Armínio, a eleição é cristocêntrica, pois ela acontece inteiramente “em Cristo”. Ele considera que a apresentação calvinista da doutrina não honra adequadamente a Cristo, fazendo da salvação “apenas uma causa subordinada da salvação que já havia sido preordenada”.⁸¹

Armínio baseou sua doutrina da eleição não na lógica dos decretos divinos, como fizeram os calvinistas, como Teodoro Beza, mas na pessoa e obra de Jesus. Porém, ele apresenta, também, sua ordem dos decretos em quatro desígnios, sendo que o primeiro é aquele no qual o Pai elege Cristo como “Mediador, Redentor, Salvador, Sacerdote e Rei”.⁸²

Na sua consideração, Cristo é a fundação e o foco da eleição, da salvação e do próprio cristianismo, aquele “em quem o decreto é fundamentado”.⁸³ Ele afirma que Cristo é a base da eleição e a causa meritória dela:

“Todavia, colocamos a Cristo como a fundação dessa predestinação, e como causa meritória daquelas bênçãos que foram destinadas aos fiéis por esse decreto. Pois o amor com que Deus ama os homens, completamente, para a salvação e, segundo o qual Ele deseja, absolutamente, conceder-lhes a vida eterna, esse amor não tem existência, exceto em Jesus Cristo, o Filho do seu amor que, tanto pela sua comunicação eficaz como pelos seus muitos dignos méritos, é a causa da salvação, e não somente o dispensador da salvação recuperada, mas, igualmente, aquele que solicita, obtém e restaura aquela salvação que havia sido perdida. Portanto, a palavra suficiente não é atribuída a Cristo, quando Ele é chamado executor do decreto que havia sido feito anteriormente, e sem a sua consideração como a pessoa sobre quem se baseia esse decreto”.⁸⁴

Para o teólogo holandês, Jesus Cristo “é mais do que um meio para realizar um decreto anterior e não cristológico. Ele é mais do que o executor do decreto. Ele é o fundamento do decreto, de maneira que toda a eleição é ‘em Cristo’”.⁸⁵ Armínio coloca Cristo como o próprio fundamento e a causa meritória da

⁸¹ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 230.

⁸² ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 226.

⁸³ ARMÍNIO, 2015, v. 2, p. 100.

⁸⁴ ARMÍNIO, 2015, v. 2, p. 92.

⁸⁵ BANGS, 2015, p. 414.

eleição divina; não apenas o dispensador de uma salvação já adquirida⁸⁶ nem apenas um meio para a salvação já preparada antes da fundação do mundo.⁸⁷ Daniel assevera que a obra de Jesus não é um instrumento “criado por Deus para formalizar a salvação que Ele já havia determinado dar a apenas algumas pessoas, as quais Ele já havia escolhido antes da fundação do mundo”.⁸⁸

Armínio ensina que primeiro Cristo foi eleito mediador a favor dos pecadores; depois, os seres humanos foram eleitos nele, quando diz que Jesus “é considerado pré-ordenado, e nós, nele, e Ele, na ordem da natureza e das causas, antes de nós. Ele foi ordenado salvador, e nós, como aqueles a serem salvos”.⁸⁹ Colocar a eleição dos seres humanos em primeiro lugar, como acontece no calvinismo, e a eleição de Cristo em sequência, é inverter a ordem bíblica:

Ele foi, em primeiro lugar, na ordem da natureza, predestinado para ser a cabeça, e, então, nós, para sermos os membros. Ele foi, em primeiro lugar, ordenado para ser o salvador, e então nós fomos ordenados, nele, para sermos salvos, por Ele e nele. Aquele que diz: ‘Em primeiro lugar, Deus predestinou os homens, e então ordenou Cristo, para ser a cabeça desses predestinados’ inverte a ordem apresentada nas Escrituras.⁹⁰

Armínio rejeitou a doutrina calvinista da dupla predestinação, por diversas razões, entre elas, porque não é o fundamento do cristianismo, nem da salvação; não foi admitido por Concílios, nem nas Confissões, nem pelos doutores da igreja; fere a natureza de Deus e do ser humano; é contrária ao ato da criação e à natureza da vida e da condenação eterna; é incoerente com a natureza do pecado e da graça; faz de Deus o único pecador; é prejudicial à salvação, inverte a ordem do evangelho e subverte o fundamento da religião.⁹¹

O teólogo holandês defende, ainda, que a eleição é condicional. Acerca do decreto da eleição individual, ele afirma que ele “tem o seu embasamento na presciência de Deus, pela qual Ele sabe, desde toda a eternidade, que tais indivíduos, por meio de sua graça preventiva, creriam, e por sua graça

⁸⁶ ARMÍNIO, 2015, v. 2, p. 92.

⁸⁷ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 300.

⁸⁸ DANIEL, 2017, p. 430.

⁸⁹ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 131.

⁹⁰ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 310.

⁹¹ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 226-227.

subsequente, perseverariam”.⁹²

Os remonstrantes, no primeiro artigo de seu documento de 1610, afirmam a predestinação e a explicam de tal forma que pudesse ser interpretada como o resultado do pré-conhecimento divino a respeito daqueles que creriam.⁹³

A explicação de Armínio da natureza da predestinação, segundo Stanglin e McCall, “é completamente teocêntrica”.⁹⁴ Deus conhece certamente aquele que atende à condição que Ele mesmo estabeleceu para a salvação, a fé. Armínio afirma que a própria salvação é ofertada a partir da presciência divina da desobediência humana, e declara que não encontra na Bíblia “algum decreto, pelo qual Deus tenha decidido exibir a sua própria glória, na salvação destes e na condenação daqueles, exceto pela presciência da queda”.⁹⁵

Sem este conhecimento divino certo e antecipado, não poderia haver eleição condicional. O teólogo holandês afirma que “Deus não pode ‘amar previamente e considerar, afetosamente, como seu’ a nenhum pecador”, a não ser que Ele o conheça previamente, em Cristo, e o considere como um crente.⁹⁶ A fé prevista é condição indispensável para a eleição:

Aquele que não está em Cristo não pode ser amado em Cristo. Mas ninguém está em Cristo, exceto pela fé; pois Cristo habita em nossos corações pela fé, e somos enxertados nele e incorporados nele pela fé. Portanto, Deus não reconhece como seu e não escolhe para a vida eterna nenhum pecador, a menos que o considere como um crente em Cristo, e feito um só, com Ele, pela fé”.⁹⁷

Armínio preserva o conceito cristocêntrico da eleição e a presciência de Deus, para manifestação da Sua justiça. Ele preserva, igualmente, o aspecto evangélico: as boas novas da salvação que podem (e devem) ser pregadas a todas as pessoas. O teólogo holandês se mantém fiel aos princípios reformados, os chamados *cinco solas da Reforma Protestante*.⁹⁸

A eleição de Cristo, no pensamento arminiano, como salvador de toda

⁹² ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 227.

⁹³ GONZALEZ, 2004, v. 3, p. 287.

⁹⁴ STANGLIN; MCCALL, 2016, p. 43.

⁹⁵ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 64.

⁹⁶ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 455.

⁹⁷ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 303.

⁹⁸ Para um detalhamento destes solas e a demonstração da fidelidade de Armínio (e Wesley) a estes princípios reformados, ver COUTO, Vinicius (org). **Igreja Reformada sendo sempre reformada**: a fidelidade aos princípios da Reforma e sua atualidade nas teologias arminianas clássica e wesleyana. São Paulo: Reflexão, 2017.

a humanidade, como oferta graciosa de Deus a ser recebida em fé por um coração que já foi predisposto pela graça – como estender uma mão vazia para receber um presente – é o que melhor representa a natureza do Deus amoroso que enviou Seu Filho para morrer pelas pessoas, a natureza do ser humano (criado à imagem de Deus), do evangelho, como boas novas, do pecado como rebeldia e da graça como livre, capacitante e universal.

4. DEPRAVAÇÃO TOTAL

Os arminianos creem que o ser humano foi criado à imagem de Deus, em santidade e justiça, e que tinha a obrigação e a condição de resistir à tentação⁹⁹, se rejeitasse a oferta do inimigo e se sujeitasse ao Espírito Santo. Mesmo tendo sido criado assim, “tendo sido colocado em um ambiente ideal, com uma ocupação satisfatória, tendo recebido a comunhão divina e o amor conjugal”, o ser humano desobedeceu ao seu Criador e caiu do seu estado original, para sua própria condenação.¹⁰⁰ O ato de pecado de Adão passou a ser um estado de pecado, de depravação.

Armínio foi falsamente acusado de negar o pecado original, em artigos que circularam na Holanda, escritos por seus adversários. Em sua apologia, o teólogo holandês afirma que as crianças “são descritas como tendo pecado em Adão, antes que elas tivessem qualquer existência pessoal e, portanto, antes que pudessem pecar, com a sua própria vontade e segundo o seu prazer”.¹⁰¹ Ele faz, também, distinção entre o pecado original e os pecados atuais, quando afirma que devemos “distinguir entre o pecado real e aquele que foi a causa de outros pecados”¹⁰².

Armínio ensinava que o pecado de Adão passou a toda a sua descendência, que se tornou culpada e depravada naturalmente, quando testemunha que:

A Abrangência deste pecado, porém, não é peculiar aos nossos primeiros pais, mas é comum a toda a raça humana e à toda a sua posteridade, que, na época em que esse pecado foi cometido, estava em seus lombos, e que desde então tem descendido deles pelo modo natural de propagação, segundo a bênção primitiva. Pois em Adão ‘todos pecaram’ (Rm 5.12). Por isso, seja qual for a castigo

⁹⁹ MAIA, 2015, p. 28.

¹⁰⁰ MAIA, 2015, p. 31.

¹⁰¹ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 290, 291.

¹⁰² ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 338.

que tenha recaído sobre os nossos primeiros pais, ele foi igualmente repassado e acompanha toda a posteridade deles. Desta forma, todos os homens são ‘por natureza, filhos da ira’ (Ef 2.3), são odiosos e estão sujeitos à condenação e à morte temporal e eterna. Eles são também desprovidos da justiça e da santidade originais (Rm 5.12,18,19). Com esses males eles permaneceriam oprimidos para sempre, a menos que fossem libertos por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre.¹⁰³

A transgressão dos primeiros pais trouxe severas consequências, e “como o homem é um ser social, estes efeitos do pecado se aplicam tanto ao indivíduo como à raça inteira”.¹⁰⁴ Esta corrupção herdada de Adão tem um caráter impregnante, por isso é chamada de “depravação total”.¹⁰⁵ Armínio geralmente utilizou o termo “inabilidade total”.¹⁰⁶

No entendimento de Armínio, com a depravação de sua natureza, a humanidade perdeu seu livre arbítrio. Sua vontade tornou-se escrava do pecado, com liberdade apenas para pecar (*posse peccare*). Somente a graça divina irá libertar esta vontade cativa, capacitando-a a responder favoravelmente à oferta de salvação feita pelo Senhor Jesus Cristo.

Neste estado de depravação ou inabilidade espiritual total, o ser humano não pode salvar-se por sua própria força, nem se arrepender, e nem mesmo desejar buscar a Deus.¹⁰⁷ É necessária uma ação graciosa da parte de Deus que venha tornar a vontade humana livre para escolher cooperar (ou não) com o Espírito Santo. Assim, Armínio assevera que a graça divina é absolutamente necessária para que o pecador seja salvo:

Nesse estado, o livre-arbítrio do homem para o que é bom não somente está ferido, aleijado, enfermo, distorcido e enfraquecido; ele também está aprisionado, destruído e perdido. E os seus poderes não estão somente debilitados são inúteis (a menos que seja assistido pela graça), mas está totalmente privado de poder, exceto aqueles poderes dados pela graça divina, pois Cristo disse: ‘... sem mim nada podeis fazer’.¹⁰⁸

¹⁰³ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 439.

¹⁰⁴ MAIA, 2015, p. 42.

¹⁰⁵ MAIA, 2015, p. 44.

¹⁰⁶ STANGLIN; MCCALL, 2016, p. 150.

¹⁰⁷ MAIA, 2015, p. 54.

¹⁰⁸ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 473.

Para o teólogo holandês, a vontade do ser humano decaído não pode nem dar um primeiro passo em direção a Deus; sem a ação da graça, o livre-arbítrio é incapaz de iniciar ou aperfeiçoar qualquer bem verdadeiro ou espiritual, pois “esta graça é simples e absolutamente necessária para o esclarecimento da mente, a devida ordenação dos interesses e sentimentos, e a inclinação da vontade para o que é bom”.¹⁰⁹

Nascimento afirma que a “expressão natural” da doutrina arminiana a respeito do ser humano é que ele tem “vontade livre” e que “não é escravo nem de Satanás nem do pecado”, razão pela qual ele “ele é capaz de criar a condição pela qual Deus pode elegê-lo e salvá-lo”.¹¹⁰ Diferente do que foi afirmado por Nascimento, o arminianismo não “diz que a vontade do ser humano é ‘livre’ para escolher, ou a Palavra de Deus, ou a palavra de Satanás”.¹¹¹ Armínio não afirmava que o ser humano “tinha o livre-arbítrio de aceitar ou de rejeitar a obra redentora de Cristo”.¹¹² O teólogo holandês afirmava que o livre-arbítrio humano foi perdido na Queda, e que, sem a graça divina, os indivíduos não poderiam ser salvos.

Nascimento relaciona as raízes do arminianismo com Pelágio.¹¹³ Porém, ao defender a necessidade absoluta da graça divina para a salvação da humanidade, desde o primeiro passo até o final, Armínio se distancia do pelagianismo¹¹⁴, do semipelagianismo e de qualquer forma de salvação pelas obras. O teólogo holandês cria no pecado original e na total inabilidade do ser humano, após a Queda, para buscar ou alcançar a salvação. Nem mesmo o primeiro passo em direção ao bem poderia ser dado pelo ser humano pecador.

Declarar que o arminianismo sustenta a depravação total e, ao mesmo tempo, que ensina que a humanidade tem livre-arbítrio, como o faz Nascimento,

¹⁰⁹ ARMÍNIO, 2015, v. 2, p. 406.

¹¹⁰ NASCIMENTO, 2019, p. 360.

¹¹¹ NASCIMENTO, 2019, p. 360.

¹¹² NASCIMENTO, 2019, p. 356.

¹¹³ NASCIMENTO, 2019, p. 356.

¹¹⁴ O pelagianismo é o ensino defendido por um monge britânico de origem irlandesa chamado Pelágio, que viveu no fim do século 4 e início do século 5 d.C. e também por Celéstio e Juliano de Eclano, que pregava que o ser humano tem uma capacidade natural de viver uma vida santa e sem pecado e alcançar a felicidade eterna ao exercer a sua vontade livre, negavam o pecado original, assegurando que o pecado é voluntário e individual e não pode ser transmitido, e minoravam ou excluíam a necessidade da expiação realizada por Cristo e da graça divina para a salvação. Para um estudo mais profundo, cf. TITILLO, Thiago Vellozo. **A Gênese da Predestinação na História da Teologia Cristã**. Fonte Editorial, 2013; e OLIVEIRA, Ivan de. **Pelagianismo e Semi-pelagianismo**. Coleção Arminianismo. Reflexão, 2016.

é inconsistente. As duas declarações são mutuamente excludentes: ou o ser humano é totalmente incapaz de escolher ou desejar a salvação, ou tem livre-arbítrio, e não está em depravação total.

Nascimento declara que este ponto, depravação total, foi estabelecido pelo sínodo de Dort¹¹⁵, mas reconhece que os arminianos chamados Remonstrantes também sustentaram esta doutrina.¹¹⁶ Contudo, o historiador Justo González assegura que os Remonstrantes foram mais incisivos, neste ponto, do que o sínodo que os condenou, quando diz:

Sobre a questão da depravação total, tanto os remonstrantes quanto o Sínodo de Dort têm sido frequentemente mal interpretados. A noção comumente sustentada, que os remonstrantes negaram a total depravação e que Dort a afirmou, não é completamente acurada. Os remonstrantes efetivamente afirmaram ‘que o ser humano ... no estado de apostasia e pecado, não pode por si mesmo pensar, desejar ou fazer qualquer coisa que seja verdadeiramente boa’. Dort, por outro lado afirmou que ‘permaneceu, entretanto, no homem, desde a queda, um vislumbre de luz natural, pelo qual ele retém algum conhecimento de Deus, das coisas naturais e da diferença entre o bem e o mal, e descobre alguma apreciação pela virtude, boa ordem na sociedade e por manter um comportamento externo regular’.¹¹⁷

Portanto, a antropologia arminiana dos remonstrantes mostra-se mais negativa e eles mais seguramente afirmaram a total incapacidade espiritual do ser humano do que o fez o documento que estabeleceu os pontos calvinistas.¹¹⁸

Olson afirma que “ao contrário da ideia popular sobre o Arminianismo (especialmente entre calvinistas), nem Armínio nem os remonstrantes negaram a depravação total; eles a afirmaram”.¹¹⁹ Os teólogos arminianos genuínos, como John Wesley, defendem a depravação total, distinguindo o verdadeiro cristianismo exatamente por sustentar esta doutrina.¹²⁰

Os arminianos sustentam a total depravação, a completa inabilidade espiritual humana para fazer o que agrada a Deus e para buscar e alcançar

¹¹⁵ NASCIMENTO, 2019, p. 352.

¹¹⁶ NASCIMENTO, 2019, p. 357.

¹¹⁷ GONZÁLEZ, 2004, v. 3, p. 288.

¹¹⁸ MAIA, 2015, p. 64.

¹¹⁹ OLSON, 2013, p. 42.

¹²⁰ COUTO, 2016, p. 87.

a sua salvação. Esta depravação é total quanto à sua universalidade (toda a humanidade pecou), quanto à sua extensão (todo o indivíduo: espírito, alma e corpo, estão maculados pelo pecado) e quanto ao resultado que produz (tudo o que o ser humano faz está afetado pela iniquidade).

5. SEGURANÇA EM CRISTO

Armínio declara em sua principal obra, *Declaração de Sentimentos*, que o crente em Jesus dispõe de poderes suficientes, que lhe são concedidos pela graça de Deus, para perseverar na fé em Cristo, vencendo os poderes que combatem contra esta persistência:

Meu sentimento a respeito da perseverança dos santos é que as pessoas que foram enxertadas em Cristo, pela fé verdadeira, e assim têm se tornado participantes de seu precioso Espírito vivificador, dispõem de poderes suficientes [ou] forças para lutar contra Satanás, contra o pecado, contra o mundo e a sua própria carne, e para obter a vitória sobre esses inimigos, mas não sem a ajuda da graça do mesmo Espírito Santo. Jesus Cristo, também pelo seu Espírito Santo, as auxilia em todas as tentações que enfrentam, e lhes proporciona o pronto socorro de sua mão; também entendo que Cristo as guarda não as deixando cair, desde que tenham se preparado para a batalha, implorando a sua ajuda, e não querendo vencer apenas por suas próprias forças. De modo que não é possível para eles, por qualquer astúcia ou poder de Satanás, serem seduzidos ou arrancados das mãos de Cristo”.¹²¹

Quanto à certeza da salvação, o teólogo holandês assevera que o crente pode ter perfeita segurança, pois afirma confiantemente que “é possível que uma pessoa, com certeza e confiança na graça de Deus e na misericórdia de Cristo, parta desta vida, e compareça perante o trono da graça, sem qualquer medo ansioso ou pavor terrível”.¹²² Porém, Armínio também afirma que mesmo depois de crer em Jesus, de tornar-se seu discípulo, o indivíduo precisa perseverar nesta fé, para não cair deste estado:

No início da fé em Cristo e da conversão a Deus, o fiel se torna um membro vivo de Cristo. Se ele perseverar na fé de Cristo, e mantiver uma boa consciência, permanecerá

¹²¹ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 232.

¹²² ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 233.

como um membro vivo. Mas se ele se tornar indolente, se não tiver cuidado consigo mesmo, se der lugar ao pecado, ele se torna passo a passo, meio-morto. E, prosseguindo desta maneira, por fim, ele morre inteiramente e deixa de ser um membro de Cristo.¹²³

A fé necessária para a salvação deve ser perseverante, pois “se alguém cair da fé, cai dessa união e, em consequência disso, da benevolência de Deus pela qual foi aceito, previamente, em Cristo”.¹²⁴ Para Armínio, o crente precisa perseverar na fé para ser, de fato, um eleito:

A eleição para a salvação compreende, em seus limites, não apenas a fé, mas, igualmente, a perseverança na fé; e uma vez que Agostinho diz que “Deus escolheu, para a salvação, aqueles que Ele vê que posteriormente crerão pela ajuda de sua graça precavida ou precedente, e que perseverarão, pela ajuda de sua graça subsequente ou consequente” (...) às vezes, os cristãos fiéis estão em uma circunstância em que não produzem, durante algum tempo, nenhum efeito da fé verdadeira, nem mesmo a apreensão da graça e das promessas de Deus, nem a confiança em Deus e em Cristo; mas é exatamente isso que é necessário para obter a salvação. Mas o apóstolo diz, a respeito da fé, com referência ao fato de ser uma qualidade e uma capacidade de crer: “conservando a fé e a boa consciência, rejeitando a qual alguns fizeram naufrágio na fé”.¹²⁵

O teólogo holandês faz, portanto, distinção entre o crente e o eleito. Segundo Stanglin¹²⁶, Armínio define o eleito (isto é, a pessoa que irá real e finalmente ser salva) como um crente que persevera; portanto, todo eleito é um crente, mas nem todo crente é um eleito. O teólogo holandês ensinou que “a salvação pode ser corretamente descrita como não resistir à graça que é, por definição, resistível, então a pessoa pode, a qualquer tempo, resistir àquela graça”.¹²⁷

A apostasia consiste em “se separar do Deus vivo depois de anteriormente ter-se voltado para Ele”; é “um movimento descrente e voluntário para longe

¹²³ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 472,473.

¹²⁴ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 463.

¹²⁵ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 350, 351.

¹²⁶ STANGLIN, 2016, p. 18.

¹²⁷ STANGLIN; MCCALL, 2016, p. 223.

de Deus, que deve ser evitado, custe o que custar”.¹²⁸ “É o abandono geral da religião ou negação da fé por aqueles que antes a sustentavam”.¹²⁹ Apostasia se refere à rebelião contra Deus e contra os grandes princípios de Sua Palavra.

A Bíblia fala da apostasia como algo real. O apóstolo Paulo refere-se a estes desvios da fé em diversas passagens da primeira epístola a Timóteo (1.6,19,20; 4.1; 5.15; 6.10,21). A apostasia é um perigo contínuo para a Igreja, e a Bíblia contém advertências repetidas contra isto (Mt 10.22; 24.12,13; 1 Co 10.12; Gl 5.4; 2 Ts 2.15; 1 Tm 4.1; 2 Tm 3.14; Hb 8.9; 10.39; Tg 5.19,20; 1 Pe 1.5; 2 Pe 2.20-22; 1 Jo 2.24; Ap 2.11). Armínio sustenta que a possibilidade de apostasia é real e não hipotética, e destaca a sua voluntariedade, quando afirma que “A deserção de um indivíduo [...] não é causada pelo poder do inferno, e sim pela vontade daquele que cai”.¹³⁰

Stanglin afirma que a visão mais antiga e majoritária é de um grupo de escritores que afirma que Armínio jamais decidiu esta questão, se um crente pode apostatar, sempre a deixando em aberto. Porém, o consenso mais recente reconhece que ele realmente acreditava na possibilidade de apostasia.¹³¹

Armínio afirma a possibilidade da apostasia; se ela realmente acontece ele parece deixar aberto para discussão, pelo menos na sua Declaração de Sentimentos¹³². Ele faz distinção entre a possibilidade e a realidade da apostasia: “Pois uma coisa é declarar que ‘é possível, para os fiéis, cair da fé e da salvação’, e outra coisa é dizer que ‘eles realmente caem’”.¹³³ Os remonstrantes deixaram esta questão em aberto, se recusando a afirmar a possibilidade de apostatar sem uma prova escriturísticas mais profunda.¹³⁴

Gunter afirma que houve um erro de tradução na obra de Armínio, que fazia entender que o holandês não afirmava a possibilidade da apostasia, quando ele se negava, na verdade a ratificar que alguém (possivelmente alguém conhecido) tivesse, de fato, apostatado. Sua declaração correta é: “Portanto, eu firmemente declaro que jamais ensinei que um verdadeiro crente quer total ou finalmente caia da fé e pereça; mas não nego que existem passagens da

¹²⁸ BAUDER in BROWN; COENEN, 2000, p. 262.

¹²⁹ Marshall in FERGUSON; WRIGHT, 2009, p. 84.

¹³⁰ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 458.

¹³¹ STANGLIN, 2016, p. 16.

¹³² STANGLIN, 2016, p. 18.

¹³³ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 257.

¹³⁴ GONZALEZ, 2004, v. 3, p. 289.

Escritura que parecem indicar isso”.¹³⁵

Os crentes devem perseverar na fé, para não caírem da graça. Respondendo à questão “os fiéis podem cair da graça?”, Armínio responde: “é certo que eles não podem, enquanto continuarem sendo fiéis, porque, até então, estarão em Cristo. Mas, se caírem da fé, também cairão daquela graça principal”¹³⁶, e acrescenta: “os fiéis podem – depois que a remissão de alguns pecados tiver sido obtida – cometer pecados e apostatar terrivelmente”.¹³⁷ Ele não está sozinho nesta afirmação, mas reforça que “praticamente toda a antiguidade é da opinião de que os fiéis podem cair e perecer”.¹³⁸

Armínio sustenta que os crentes que permanecem em Cristo estão seguros quanto à salvação, mas, por outro lado, sustenta a possibilidade da apostasia, como se percebe na declaração presente na sua Apologia:

É impossível que os crentes, desde que permaneçam fiéis, venham a perder a salvação. Porque se isso fosse possível, o poder que Deus decidiu empregar para salvar os crentes seria vencido. Por outro lado, se os crentes apostatarem da fé e se tornarem incrédulos, é impossível que eles não se desviem da salvação, ou seja, desde que continuem incrédulos.¹³⁹

Os arminianos reconhecem a importância de alertar os crentes sobre o perigo de apostasia e os exortar a perseverar na fé como um meio de edificá-los, incentivando o amadurecimento espiritual, que é o caminho certo e bíblico para evitar a apostasia.

Os teólogos arminianos atestam que o Novo Testamento ensina que tal separação de Deus pode ser resultado de erro doutrinário como também de erro ético.¹⁴⁰ A principal condição para um crente não alcançar a salvação é a apostasia, ou seja, o abandono da fé, a descrença. Picirilli assevera que “se a fé é a condição para a salvação, então a descrença é a condição para a apostasia. Apostasia é uma retração proposital da fé”.¹⁴¹

Silas Daniel declara a respeito da possibilidade de um crente perder a sua salvação: “segundo a Palavra de Deus, perdemos a salvação: 1) quando

¹³⁵ GUNTER, 2017, p. 194, 195.

¹³⁶ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 464.

¹³⁷ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 465.

¹³⁸ ARMÍNIO, 2015, v. 3, p. 458.

¹³⁹ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 258.

¹⁴⁰ STANGLIN, 2016, p. 9.

¹⁴¹ PICIRILLI, 2017, p. 244.

apostatamos e não voltamos atrás, 2) quando cometemos o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo e 3) quando perdemos a fé em Jesus e sua graça, ou seja, quando simplesmente não há mais fé”.¹⁴²

O crente pode ter certeza da sua salvação, pela fé em Jesus, que morreu para salvar a humanidade. Porém, se o crente se afastar de Jesus e negar a fé, ou se viver voluntariamente no pecado continuado, deixa de ser crente e passa a ser um infiel, para quem a salvação não é assegurada.

O pecado não pode ser algo normal para o crente, mas eles ainda pecam, mesmo os eleitos. Armínio aponta quatro causas que podem levar a pessoa a pecar¹⁴³: pecado por ignorância, por fraqueza, por negligência e por malignidade. Este último ocorre quando “qualquer coisa é cometida com uma determinada intenção, e com conselho deliberado”.¹⁴⁴ No seu entendimento, foi por malignidade que Judas entregou a Cristo (Mt 26.14-16) e Davi tramou contra Urias (2 Sm 11.15). Este é o pecado em que o ser humano, apesar de saber a vontade de Deus e ter condição de cumpri-la, escolhe desobedecer e planeja fazer isto, pois vê vantagens no pecado (Jo 3.19).

Aquele que conhece o mandamento e insiste em não o cumprir traz irremediável condenação sobre si (Hb 10.26-29; Jo 9.41; 15.22-24). Armínio ainda faz distinção entre dois tipos de malícia: a) aquela onde não se exerce qualquer resistência à concupiscência que poderia ser vencida; b) aquela em que o próprio Cristo é odiado, como sendo um impedimento ao pecado. Na primeira, há um ódio ao mandamento; na segunda, ao próprio Senhor.¹⁴⁵

Como o pecado pode levar à apostasia? Armínio distingue a fé como um ato, da fé como um hábito. O ato de crer é que justifica, e a fé real pressupõe a fé habitual. O pecado de fraqueza ou ignorância enfraquece a fé, mas não a extingue. Contudo, os atos pecaminosos oriundos da malícia, deliberados e continuados, indicam a falta da fé real, ainda que o hábito da fé esteja presente.¹⁴⁶

Nascimento afirma que arminianos creem que o ser humano pode perder a salvação, “cometendo algum pecado, uma vez que a teologia arminiana é uma

¹⁴² DANIEL, 2017, p. 458,459.

¹⁴³ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 441.

¹⁴⁴ ARMÍNIO, 2015, v. 1, p. 441.

¹⁴⁵ STANGLIN, 2016, p. 24,25.

¹⁴⁶ STANGLIN, 2016, p. 26.

‘teologia de obras’¹⁴⁷. No entanto, os pecados tidos como falhas comuns não vão tirar do arminiano a sua segurança em Cristo. Se os cristãos fossem salvos por ter uma vida imaculada, então, a salvação seria pelas obras, e não por fé.

6. O SÍNODO DE DORT

No ano após a morte de Armínio, os ministros que sustentavam um entendimento similar ao teólogo holandês, nos pontos aqui apresentados, escreveram um documento em que resumiam esta visão teológica, em atendimento a um convite dos Estados da Holanda. Tal documento ficou conhecido como Remonstrância de 1610¹⁴⁸ e seus proponentes foram chamados remonstrantes.

Em 1618, Maurício de Nassau substituiu os magistrados arminianos por outros que se opunham a esta posição teológica, e convocou um sínodo nacional, que ocorreu na cidade de Dordrecht (conhecido como Sínodo de Dort). Todos os magistrados holandeses convocados para os debates eram da linha calvinista. Alguns delegados estrangeiros que foram convidados para o sínodo esboçaram discordância com os pontos teológicos afirmados neste consistório.

Nesta conferência, os remonstrantes compareceram apenas como acusados e foram condenados como hereges e proibidos de pregar e ensinar. Alguns remonstrantes foram presos, outros foram decapitados e os outros fugiram ou foram exilados.

O Sínodo de Dort rejeitou a Remonstrância e afirmou os cinco pontos do calvinismo que mais tarde vieram a ser resumidos pelo acróstico TULIP, que, desde então, tem sido usado pelos próprios calvinistas para resumir suas doutrinas, conforme afirma Olson.¹⁴⁹

Nascimento diz que, no sínodo de Dort, “os Cinco Pontos do Arminianismo foram examinados e comparados com as Escrituras Sagradas”¹⁵⁰, mas isto não condiz com o que, de fato, aconteceu. Apesar de ser apresentado como documento oficial de condenação do arminianismo, devido à sua parcialidade e comprometimento político, Dort não teve envergadura moral para deliberar

¹⁴⁷ NASCIMENTO, 2019, p. 365.

¹⁴⁸ BANGS, 2015, p. 421.

¹⁴⁹ OLSON, 2013b, p. 65, 66.

¹⁵⁰ NASCIMENTO, 2019, p. 358.

contra as doutrinas defendidas pelos remonstrantes. O que de fato ocorreu foi um julgamento injusto com desfecho premeditado, já que o adversário também representava o papel de juiz.¹⁵¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo foi apresentar o arminianismo conforme o próprio Armínio se pronunciou a respeito das doutrinas do ser humano, do pecado e da salvação. Aqueles que desejam conhecer as verdadeiras doutrinas arminianas devem pesquisar com imparcialidade e avaliar com honestidade as obras dos teólogos arminianos, para que possam legitimamente debater com esta teologia.

O arminianismo sustenta uma antropologia pessimista, ao afirmar a pecaminosidade inerente ao ser humano não regenerado, que o impede de fazer algo para se salvar ou alcançar o favor de Deus, contrastada por uma soteriologia otimista, pois o indivíduo salvo é restaurado à imagem de Deus, segundo a qual foi criado, para praticar as boas obras que acompanham a salvação.

Armínio defende uma posição na qual há o equilíbrio entre a expiação ilimitada, uma oferta graciosa de um Deus que não faz acepção de pessoas, com a eleição condicionada à fé que foi possibilitada por esta graça, e que é necessária para os todos os seres humanos que são pecadores. Ele não defende um sinergismo igualitário, onde Deus e ser humano caminham para uma reconciliação para a qual ambos tomaram a iniciativa, mas um sinergismo¹⁵² onde Deus toma toda a iniciativa e proporciona todos os meios, requerendo apenas que a humanidade confie em seu Salvador.

Nascimento afirma que “a resposta do homem é o fato determinante” neste

¹⁵¹ COUTINHO, Samuel Paulo. Sínodo de Dort – Político e Religioso, disponível em <https://deusamouomundo.com/remonstrantes/432/>, acessado em 21/05/2020.

¹⁵² Sinergismo é a crença teológica na livre participação humana na salvação. Roger Olson faz uma distinção entre sinergismo evangélico (defendido pelo arminianismo clássico), e o sinergismo herético (defendido pelo pelagianismo e Semipelagianismo, OLSON, 2013, p. 24). Para melhor entendimento sobre o sinergismo arminiano, ver BANGS, 2015, p. 403-405. Leroy Forlines usa a terminologia “monergismo condicional” ao invés de sinergismo (FORLINES, F. Leroy. *Classical Arminianism – A theology of salvation*. Nashville: Randall House Publications, 2011, p. 264, 267). Mathew Pinson afirma que a visão de Armínio não representa “uma forma de sinergismo no qual a obra de Deus e a obra do homem cooperam, mas sim uma relação na qual a vontade e a obra de Deus dentro do homem [são] bem-vindas numa atitude de confiança e submissão” (PICIRILLI, 2017, p. 195).

um relacionamento cooperativo para a salvação.¹⁵³ No entanto, o verdadeiro ensino arminiano apresenta como fator determinante a livre graça de Deus, posto que o ser humano em total inabilidade espiritual não pode sequer corresponder à iniciativa divina, sem a contínua assistência da graça.

Armínio crê que Deus predestinou a humanidade para a graça, especificamente por intermédio da eleição de Jesus, o Filho de Deus, a nosso favor. Ele sustenta os princípios fundamentalmente reformados da salvação pela graça por intermédio da fé, conforme revelado nas Escrituras. Também eleva o valor da cristologia, e tenta entender todas as demais doutrinas à luz da revelação de Deus em Cristo Jesus.

O arminianismo verdadeiramente considerado, com base nas afirmações de Jacó Armínio, seus seguidores, os Remonstrantes, e outros legítimos herdeiros da teologia arminiana, como John Wesley¹⁵⁴ e muitos outros teólogos, constitui-se numa tradição teológica solidamente estabelecida nas Escrituras, que destaca a graça divina livre para todos e requer a fé perseverante de todos os são conduzidos pelo Espírito Santo à salvação.

A teologia arminiana, quando verdadeiramente entendida, glorifica um Deus amoroso e justo, centraliza a obra de salvação em Cristo e oferece esperança para a igreja, e para a teologia, ao tornar o evangelho acessível a todos e a certeza da salvação possível, aos que perseveram na fé em Cristo.

REFERÊNCIAS

ARMÍNIO, Jacó. **As Obras de Armínio**. Tradução de Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. 3 volumes.

BANGS, Carl O. **Armínio: um estudo da reforma holandesa**. Tradução de Wellington Mariano. São Paulo: Reflexão, 2015.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e

¹⁵³ NASCIMENTO, 2019, p. 366.

¹⁵⁴ GUNTER, 2019, p. 20. Gunter afirma que Wesley, além de ser um representante fiel de Jacó Armínio, ele “poderia ter sido alguém com quem o professor de Leiden teria uma grande afinidade”.

Vivian de Amaral Nunes. São Paulo: Shedd, 2007.

COUTO, Vinicius. **Em favor do Arminianismo Wesleyano:** um estudo bíblico, teológico e exegético de sua relevância na contemporaneidade. São Paulo: Reflexão, 2016.

COUTO, Vinicius (org). **Igreja Reformada sendo sempre reformada:** a fidelidade aos princípios da Reforma e sua atualidade nas teologias arminianas clássica e wesleyana. São Paulo: Reflexão, 2017.

DANIEL, Silas. **Arminianismo, a mecânica da salvação:** uma exposição histórica, doutrinária e exegética sobre a graça de Deus e a responsabilidade humana. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

DUEWEL, Wesley L. **A Grande Salvação de Deus.** São Paulo: Candeia, 1999.

FERGUSON, Sinclair B.; WRIGHT, David F. **Novo dicionário de Teologia.** São Paulo: Hagnos, 2009.

GONZALEZ, Justo L. **Uma História do Pensamento Cristão.** Tradução de Paulo Arantes e Vanuza Helena Freire de Mattos. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 3 Vols.

GUNTER, W. Stephen. **Armínio e as suas Declarações de Sentimentos:** uma tradução com introdução e comentários teológicos. Tradução de Wellington Mariano. São Paulo: Reflexão, 2017.

GUNTER, W. Stephen. **John Wesley:** um fiel representante de Jacó Armínio. Revista Bona Conscientia: revista interdisciplinar de teologia, filosofia, sociologia e ciências da religião. Campinas/SP. v. 2, n. 1, p. 3-20, Outubro/2019.

HUNT, Dave. **Que Amor é Este?** A falsa representação de Deus no calvinismo. Tradução de Cloves Rocha dos Santos e Walson Sales da Silva. São Paulo: Reflexão, 2015.

MAIA, Carlos Kleber. **Depravação total.** Coleção Arminianismo. São Paulo: Reflexão, 2015.

NASCIMENTO, Jeverson. **As diferenças doutrinárias do calvinismo e do arminianismo**. Revista Batista Pioneira: Bíblia, teologia e prática. Ijuí/RS, v. 8, n. 2, p. 347-368, dezembro/2019.

NASCIMENTO, Valmir. **Graça preveniente**: um estudo sobre o gracioso agir de Deus para a salvação humana. São Paulo: Reflexão, 2016.

OLIVEIRA, Ivan de. **Pelagianismo e Semi-pelagianismo**. Coleção Arminianismo. São Paulo: Reflexão, 2016.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001.

OLSON, Roger E. **Teologia Arminiana**: mitos e realidades. Tradução de Wellington Mariano. São Paulo: Reflexão, 2013.

OLSON, Roger E. **Contra o calvinismo**. Tradução de Wellington Carvalho Mariano. São Paulo: Reflexão, 2013b.

PICIRILLI, Robert E. **Graça, Fé e Livre Arbítrio**: visões contrastantes da salvação – calvinismo e arminianismo. Tradução de Rejane Ferreira Caetano Eagleton. São Paulo: Reflexão, 2017.

RODRIGUES, Zwínglio. **Graça Resistível**. Coleção Arminianismo. São Paulo: Reflexão, 2016.

STANGLIN, Keith D.; MCCALL, Thomas H. **Jacó Armínio**: teólogo da graça. Tradução de Wellington Carvalho Mariano. São Paulo: Reflexão, 2016.

STANGLIN, Keith. **Perseverança dos Santos**. Coleção Arminianismo. Tradução de Wellington Mariano. São Paulo: Reflexão, 2016.

TITILLO, Thiago Velozo. **A gênese da predestinação na história da teologia cristã**: uma análise do pensamento agostiniano sobre o pecado e a graça. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

WILEY, H. Orton. **Teologia Cristiana**. Lenexa, Kansas: Casa Nazarena de Publicaciones, 2013. Tomo 2.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional